

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 360 | vol. 22 | 2024



Capitalismo e cismogênese

Sven Lütticken

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 360 | vol. 22 | 2024

Capitalismo e cismogênese

Sven Lütticken

Historiador da Arte e professor da Academia de Artes Criativas e
Cênicas/PhDArts da Universidade de Leiden, Países Baixos

Tradução de Moisés Sbardelotto

Texto originalmente publicado em duas partes. Parte 1 publicada no periódico *E-Flux Journal*, n. 138, setembro de 2023, e Parte 2 publicada na edição n. 139, *E-Flux Journal*, outubro de 2023.



FAPERGS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXII – N° 360 – V. 22 – 2024

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Anish Kapoor sculpture 'Sky Mirror', Kensington Gardens_duncan cumming_FlickrCC

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Moisés Sbardelotto

Texto originalmente publicado em duas partes. Parte 1 originalmente publicada no periódico *E-Flux Journal*, n. 138, setembro de 2023, e Parte 2 originalmente publicada na edição n. 139, *E-Flux Journal*, outubro de 2023.

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Capitalismo e cismogênese

Sven Lütticken

Historiador da Arte e professor da Academia de Artes Criativas e Cênicas/PhDArts da Universidade de Leiden, Países Baixos

CAPITALISMO E CISMOGÊNESE. PARTE I

PREFIGURAÇÃO, EMERGÊNCIA, DIVERGÊNCIA

Com o retorno de certas dinâmicas da Guerra Fria, o imaginário social está passando por uma renovada redução. No rastro da invasão russa da Ucrânia, Sandro Mezzadra voltou o olhar para os distantes tempos de 2003, quando o *New York Times* chamou o movimento de paz que surgiu em Seattle, Porto Alegre e Gênova de “segunda potência mundial”.¹ Se “outro mundo é possível” é o *slogan* que mais bem resume as

1 Sandro Mezzadra, “Deserting the War”, *Transversal Texts*, março de 2022. Disponível em: <https://transversal.at/transversal/0422/mezzadra/en>.

últimas duas a três décadas de política emancipatória não dogmática (autonomista, alterglobalista, indígena, abolicionista), hoje o risco de as alternativas possíveis se reduzirem aos modelos atualmente disponíveis é muito real.

O historiador Kenneth Pomeranz caracterizou notoriamente a emergência do capitalismo industrial na Europa do século XVIII, e não sob condições amplamente semelhantes na Ásia Oriental, como “a grande divergência”.² Hoje, o *status* da China como ameaça econômica e política para o Ocidente obscurece a *reconvergência* que tem ocorrido à medida que diversas variedades de estadismo capitalista se enfrentam umas às outras. As únicas “potências mundiais” hoje parecem ser aquelas que restringem as forças emancipatórias de diferentes maneiras e em diferentes graus (e esses graus, é claro, são profundamente importantes). Ou será essa aparência de possibilidades sufocadas precisamente parte do problema, um sintoma de um horizonte revolucionário em retrocesso?

Questões de prefiguração e de emergência avultam na conjuntura atual, na atual situação planetária. Embora os termos “prática prefigurativa” e “política prefigurativa” só tenham ganhado alguma força nos anos 1970 e 1980, e particularmente nos anos mais recentes na teoria anarquista e autonomista pós-Occupy, o conceito de práticas que antecipam materialmente formas sociais pós-capitalistas e antiautoritárias tem uma história muito mais longa na esquerda.³ Não há dúvida

2 Kenneth Pomeranz, *The Great Divergence: China, Europe, and the Making of the Modern World Economy* (Princeton University Press, 2000).

3 Ver: Paul Raekstad, “Revolutionary Practice and Prefigurative Politics: A Clarification and Defense”, *Constellations*, n. 25 (2018). Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467->

de que a realização desse ideal foi sempre uma questão controversa e contraditória, tanto para os anarquistas quanto para os marxistas, devido a fatores internos e externos. Em um notável livro de 1928, o marxista austríaco Otto Neurath refletiu sobre as possibilidades e as limitações da *Lebensgestaltung* (a organização da vida) socialista ou sobre as tentativas de criar novas *Lebensformen* (formas de vida) sob o capitalismo. Embora se apegando a uma teoria altamente problemática da transformação inevitável do planejamento capitalista em uma economia socialista planejada sem dinheiro, Neurath foi, no entanto, um observador atento e nuancado das formas como a prática do ativismo socialista foi moldada pelas condições existentes; construir organizações socialistas sob condições capitalistas era obviamente uma tarefa contraditória e vexatória. Mesmo assim, Neurath argumentou que as organizações proletárias – especialmente as organizações juvenis e as formas de educação auto-organizada – ofereciam uma antecipação de um *kommene Lebensstimmung*, um vindouro “estado de espírito da vida”.⁴

Entre as disciplinas culturais, Neurath considerou a arquitetura de importância central, cabendo ao arquiteto a tarefa de antecipar os desenvolvimentos tecnológicos e também sociais no futuro próximo, incluindo as “*Änderungen der Lebensformen*” (mudanças nas formas de vida).⁵ Tais observações são sugestivas no contexto das práticas estéticas contemporâneas que procuram comunicar ou descolonizar os meios de produção artística e intelectual, o que pode facilmente ser criticado

[8675.12319.](#)

4 Otto Neurath, *Lebensgestaltung und Klassenkampf* (Laubsche Verlagsbuchhandlung, 1928), 19. A declinação no texto é “*kommender Lebensstimmung*”.

5 Neurath, *Lebensgestaltung und Klassenkampf*, 23.

por equivaler a pouco mais do que um rearranjo *woke* das cadeiras do convés do Titanic. No entanto, o uso por Neurath do célebre termo *Lebensformen* – recentemente reavivado por autores como Giorgio Agamben e Rahel Jaeggi – deixa claro que qualquer rejeição cruelmente economicista da cultura a um epifenômeno meramente superestrutural deve ser rejeitada.⁶ Sim, a forma-valor capitalista informa e deforma muitas *Lebensformen* e relações sociais – mas seu reinado não é homogêneo, sua soberania não é absoluta. Como insistiu Raymond Williams, com razão, ainda em 1973, “nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma sociedade dominante ou ordem da sociedade e, portanto, nenhuma cultura dominante, na realidade, esgota toda a gama da prática humana, da energia humana, da intenção humana”.⁷

Em seus escritos sobre as formas de cultura dominantes, residuais e emergentes, Williams defendeu que “novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relações estão continuamente sendo criados” dentro e contra os dominantes, e para além dos elementos residuais ou arcaicos.⁸ Quando Williams começou a teorizar sobre o conceito de formas sociais e culturais emergentes nos anos 1970, a Nova Esquerda Ocidental tendia a aderir a uma análise do desenvolvimento histórico estritamente baseada em classes, embora houvesse muito debate sobre a importância relativa da “consciência de classe” revolucioná-

6 Sobre a genealogia de *Lebensform*/forma-vida/forma-de-vida, ver: “Habitual Art History”, *In the Maze of Media: Essays on the Pathways of Art after Minimalism*, organização de André Rottmann (*Transcript*, no prelo, 2023).

7 Raymond Williams, “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory” (1973), *Culture and Materialism* (Verso, 2005), p. 43.

8 Raymond Williams, *Marxism and Literature* (Oxford University Press, 1977), p. 123.

ria em relação aos parâmetros econômicos – com Perry Anderson, por exemplo, que enfatizava a importância “daqueles projetos coletivos que procuraram tornar seus iniciadores autores de seu modo coletivo de existência como um todo, em um programa consciente voltado a criar ou a remodelar estruturas sociais por inteiro”.⁹ Embora a dialética histórica do feudalismo/aristocracia e da burguesia/proletariado molde o relato de Williams sobre as formas residuais, dominantes e emergentes, em um nível fundamental ele insiste que, em qualquer ordem dada, “sempre há outro ser e consciência sociais que são negligenciados e excluídos: percepções alternativas dos outros, em relações imediatas; novas percepções e práticas do mundo material”.¹⁰ A hegemonia nunca é total; “aquelas práticas, experiências, significados, valores que não fazem parte da cultura dominante efetiva” podem deixar de ser *alternativas* para serem propriamente *oposicionistas*.¹¹

Apesar de toda sua sutileza não dogmática, Williams nunca prestou atenção significativa às problematizações das descrições marxistas de classe que emergiam dos movimentos negros, anticoloniais, feministas e *queer*. À medida que os anos 1970 avançavam, tornou-se aparente uma divergência crescente entre uma teoria e uma prática políticas marxistas (dominadas por homens brancos) centradas na classe e nos movimentos sociais autônomos emergentes. Deve-se notar que, no contexto dos anos 1970, a noção de movimentos sociais autônomos muitas vezes se referia menos ao marxismo autônomo italiano do que a grupos feministas, gays ou negros mais expansivos que

9 Perry Anderson, *Arguments within English Marxism* (Verso, 1980), p. 20.

10 Williams, *Marxism and Literature*, p. 126.

11 Williams, “Base and Superstructure”, p. 40.

se tornaram autônomos de toda vanguarda marxista – *até mesmo* em sua aparência pós-leninista e operarista.¹² Um exemplo-chave de um movimento feminista com algumas raízes no marxismo autônomo, embora desafiando seus parâmetros em um processo de crítica imanente, é a campanha *Wages for Housework* [salários para o trabalho doméstico], cujos principais teóricos e organizadores incluíam Mariarosa Dalla Costa, Selma James e Silvia Federici.

Indicativo das tensões entre vários “movimentos autônomos”, o *Wages for Housework* – tal como o feminismo dos anos 1970 em geral – é frequentemente acusado de desconsiderar as lutas das mulheres negras ou o trabalho realizado pelas mulheres negras fora da família branca heteronormativa. Essa acusação dificilmente se aplica a alguém como Selma James; por meio de sua formação na tendência pós-trotskista Forest-Johnson de C. L. R. James e no trabalho comunitário feminista, James desenvolveu uma análise seminal da dialética de “classe” e de “casta” – sendo esta última seu termo para a identidade não classista em termos de gênero e de raça, que é “a própria substância da classe”, como ela disse.¹³ O objetivo do seu interseccionalismo inicial não era jogar essas categorias umas contra as outras, mas sim fazer justiça ao “complexo entrelaçamento de forças” na composição social – observando, por exemplo, que “as mulheres negras saberão com qual organização (com homens negros, com mulheres bran-

12 Para esse uso, ver: Selma James, “Sex, Race, and Class” (1974), *Sex, Race, And Class—The Perspective of Winning: A Selection of Writings, 1951–2011* (PM Press, 2012), 97, p. 100; e Sheila Rowbotham, “The Women’s Movement & Organizing for Socialism” (1979), Sheila Rowbotham, Lynne Segal e Hilary Wainwright, *Beyond the Fragments: Feminism and the Making of Socialism* (Merlin Press, 1979/2013), p. 181.

13 James, “Sex, Race, and Class”, p. 96.

cas, *com ambos, sem ambos*) fazer essa luta. *Ninguém mais pode saber*".¹⁴ Assim, estamos lidando com uma análise que complementa e complica a explicação de Williams sobre a emergência. Múltiplas identidades podem divergir e reemergir ao longo do tempo. Os marxistas negros tornam-se nacionalistas negros, as mulheres socialistas tornam-se feministas, os teóricos *queer* e os ativistas antirracistas criam coalizões pela justiça social que vão além e desafiam noções redutivas das políticas identitárias – mesmo enquanto se continuam traçando linhas entre aqueles que podem ser aliados ou, além disso, camaradas.¹⁵

Então, o que é que *emerge* nos círculos ativistas, nos ambientes marginais, nas redes artísticas e intelectuais? As formas atuais de emergência parecem menos prefigurações de um futuro predeterminado e mais formas de divergência que podem ou não se tornar concatenadas até ao ponto em que equivaleriam a uma *grande divergência*. À medida que os “projetos coletivos” e a “agência coletiva” assumem formas novas e complexas, como os processos de autoidentificação coletiva *podem* ser apreendidos – não apenas historicamente, mas também para o presente impulsionado pelas mídias sociais? Como se pode intervir e *moldar* tais processos? Qual é o papel da desidentificação entre vários “povos” que jogam uns aos outros no papel de outro, estranho, inimigo? As divergências são sempre motivadas pela negação e pela oposição?

14 James, “Sex, Race, and Class”, p. 98-99, grifo no original.

15 Para uma crítica da noção de aliado, ver: Laurel Mei-Singh e Davianna Pōmaika'i McGregor, “To Be Done with Allyship: Towards Oceanic Justice in the Pacific”, *The Funambulist*, n. 46 (mar.-abr. 2023).

CONTRAIMITAÇÃO E CISMOGÊNESE

Durante os anos 1970 e o início dos anos 1980, um deslocamento deleuze-guattariano/autonomista em direção à micropolítica molecular tornou-se pronunciada em grande parte da teoria e do ativismo. Críticos das marcas mais ortodoxas do marxismo, Deleuze e Guattari procuraram ancestrais alternativos, como Gabriel Tarde – transformando um dos fundadores da sociologia francesa em um pensador radical, precisamente na medida em que Tarde era não dialético, não hegeliano e não marxista.¹⁶ Opondo-se a uma sociologia que fetichiza “representações coletivas” binárias e sobrecodificadas, como as de classe, Deleuze e Guattari apreciaram a atenção micropolítica e molecular de Tarde às “pequenas imitações, oposições e invenções que constituem todo um campo de matéria sub-representativa”.¹⁷ Tarde revelou-se, assim, surpreendentemente relevante no contexto da revolução molecular que foi inaugurada em Maio de 1968. Em *Mil Platôs*, o segundo volume de *Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guattari citam-no ao argumentar que, a fim de entender as transformações revolucionárias, “o que é preciso saber é quais camponeses, em quais áreas do Sul da França, pararam de cumprimentar os proprietários de terras locais”.¹⁸ Embora eles obviamente não usem a terminologia de Williams, pode-se dizer que Deleuze e Guattari estão do lado de formas de pré-emergência que podem nunca se estabelecer completamente em categorias identitárias familiares, como a classe.

16 Mais recentemente, Maurizio Lazzarato prosseguiu esta leitura de Tarde. Ver: Lazzarato, “From Capital-Labour to Capital-Life”, *Ephemera* 4, n. 3 (2004).

17 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, vol. 2 (1980) (Bloomsbury, 2013), p. 255.

18 Deleuze e Guattari, *A Thousand Plateaus*, p. 253.

Um conceito central da filosofia social de Tarde é a imitação, que ele definiu como “ação à distância de uma mente sobre outra”.¹⁹ Distinguindo entre imitação e contraimitação, Tarde observa que alguns atores sociais estão associados uns aos outros de forma negativa, em virtude de serem adversários. Deleuze e Guattari observam o foco de Tarde nas “pequenas *imitações, oposições e invenções* que constituem todo um campo de matéria sub-representativa”, mas se abstêm de discutir a análise dele da imitação no campo da representação por excelência: os meios de comunicação e os públicos opostos que eles constituem.²⁰ Nas palavras de Tarde:

Nenhuma opinião é discutida pela imprensa sobre a qual, repito, o público não esteja diariamente dividido em dois campos, aqueles que concordam com a opinião e aqueles que discordam. Mas tanto os últimos quanto os primeiros admitem que é impossível preocupar-se nesse meio tempo com outra coisa senão a questão que lhes é imposta.²¹

Por volta de 1900, no rastro do caso Dreyfus, em que os meios de comunicação franceses alimentaram teorias de conspiração antisemitas, Tarde distinguiu entre a *multidão* (que tinha sido teorizada por Le Bon) e o *público*: a primeira é uma assembleia encarnada, enquanto este último é uma entidade virtual criada pela mídia impressa e, como tal, é um fenômeno distintamente moderno. Os públicos de Tarde não são exatamente iguais ao “público racional” idealizado de Jürgen Habermas: eles são produzidos e manipulados por agitadores jornalísticos profissionais e podem ser tão assassinos quanto as multidões. Os públicos impres-

19 Gabriel Tarde, “Preface to the Second Edition”, *The Laws of Imitation* (Henry Holt, 1903), p. xiv.

20 Deleuze e Guattari, *A Thousand Plateaus*, p. 219, grifo no original.

21 Tarde, “Preface to the Second Edition”, *Laws of Imitation*, p. xviii.

sos de Tarde já geram filtros-bolha. Enquanto LeBon tinha se focado nos perigos da multidão, para Tarde a lição do Caso Dreyfus era que os públicos eram menos diversificados do que as multidões e mais abertos à manipulação. Em uma análise que assume uma nova relevância na era dos motins organizados nas mídias sociais, Tarde argumentou que as multidões podem se tornar multidões criminosas e assassinas – mas os públicos também podem se tornar criminosos se forem devidamente moldados pelos formadores de opinião, e, por trás de cada multidão assassina moderna, há um público ainda mais criminoso.²²

Não é nenhuma surpresa que Tarde tenha se tornado uma referência para recentes relatos teóricos do afeto sobre o “espalhamento” [*spreadability*] do ódio nas mídias sociais, enquanto Frances Haugen, a denunciante do Facebook, adotou uma nota neotardiana ao observar que a plataforma havia sido projetada para fomentar o extremismo e o ódio, testemunhando perante uma comissão parlamentar do Reino Unido que “a raiva e o ódio são a maneira mais fácil de crescer no Facebook”.²³ Esses (contra-)públicos calculados performam aquilo que se poderia chamar de um *desengajamento agressivo* com o outro lado, recusando-se a entrar até mesmo no diálogo mais crítico e optando, 22 Gabriel Tarde, “Le Public et la foule” (1898), *L’Opinion et la foule* (Félix Alcan, 1901), p. 48-49; 56-57. Hoje, à medida que a dialética das multidões e dos públicos impressos deu lugar à dialética das multidões e das redes, os parlamentos são invadidos por mobilizações organizadas no Facebook e no Telegram. Tal como os públicos impressos de Tarde, as redes de hoje têm um grande potencial criminoso. Esse devir-criminoso começa quando a rede se materializa como uma *mob* física ou antes?

23 Denis Staunton, “Anger and Hate Easiest Way to Grow on Facebook,” Says Whistleblower”, *Irish Times*, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/business/technology/anger-and-hate-easiest-way-to-grow-on-facebook-sayswhistleblower-1.4710204>.

em vez disso, por intermináveis trollagens, violência física contra Outros racializados ou sexualizados, e ataques a instituições e organizações.²⁴ De uma perspectiva deleuziana, tudo isso é deprimentemente *molar*: as guerras culturais giram precisamente em torno de representações sobrecodificadas do tipo mais nocivo, impondo segmentações aos conjuntos moleculares que atravessam o campo social. Mesmo as mais dóceis tentativas progressistas de aliviar a violência necropolítica encontram-se integradas em uma narrativa sobre os socialistas antifascistas *woke* que atacam a Liberdade ou o Estilo Americano ou os Valores Cristãos (faça sua escolha).

É precisamente aqui que a sociologia da mimese de Tarde mostra suas limitações. De uma perspectiva deleuziana, o principal problema reside naquilo que se poderia chamar de realismo sociológico de Tarde: ele tenta identificar e mapear formas sociais que são muitos *processos de captura*, muitas estruturas molares impostas ao devir molecular. É por isso que Deleuze e Guattari precisam escolher a dedo, evitando um encontro pleno com Tarde. O mesmo se aplica a Gregory Bateson, cujo impacto se manifesta no próprio título “*Mil Platôs*” – mas aqui também a apropriação de Deleuze e Guattari é marcada por oclusões e recusas. Eles observam que Bateson usa o termo platô “para designar algo muito especial: uma região contínua e autovibrante de intensidades cujo desenvolvimento evita qualquer orientação para um ponto culminante ou fim externo”.²⁵ Na cultura balinesa, de acordo com Bate-

24 Para a noção de públicos calculados, ver: Tarleton Gillespie, “The Relevance of Algorithms”, *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*, ed. Tarleton Gillespie, Pablo. J. Boczkowski, e Kirsten A. Foot (MIT Press, 2014).

25 Deleuze and Guattari, *A Thousand Plateaus*, p. 20-21.

son, os jogos sexualmente matizados entre mães e seus filhos substituem um “platô contínuo de intensidade” pelo clímax sexual, e Deleuze e Guattari usam isso para repreender a cultura ocidental pela sua fixação em “fins exteriores ou transcendentos”.²⁶ O que eles não mencionam é que a teorização de Bateson sobre o platô em Bali foi ocasionada por um fracasso, diante da cultura balinesa, de um de seus conceitos-chave: o de cismogênese.²⁷

A cismogênese de Bateson constitui um conceito convincente que acompanha a contraimitação de Tarde.²⁸ Em seu estudo clássico de 1936, intitulado *Naven*, Bateson analisou a sociedade do povo Iatmul da Nova Guiné como uma mistura complexa de “cismogênese complementar”, tais como batalhas ritualísticas de ostentação entre (grupos de) homens, e de “cismogênese simétrica”, como as relações entre os sexos. Este último caso é marcado pela diferenciação entre diferentes tipos de comportamento, isto é, dominante e submisso, e não pela rivalidade com base em uma forma comportamental compartilhada, como no caso da ostentação. O ritual “naven”, que envolve uma inversão de gênero por meio do travestismo caricatural, permitiu a Bateson analisar esses padrões cismogenéticos em formas extremas. Embora estivesse claramente convencido de que poderia extrapolar o caso Iatmul e de que todas as sociedades são parcialmente moldadas por meio desse tipo de “comportamento cumulativo”, o *ethos* balinês revelou-se diferente.²⁹

26 Deleuze and Guattari, *A Thousand Plateaus*, p. 22.

27 Gregory Bateson, “Bali: The Value System of a Steady State” (1949), *Steps to an Ecology of Mind* (University of Chicago Press, 1972).

28 Ver: Matei Candea, “Revisiting Tarde’s House”, *The Social After Gabriel Tarde: Debates and Assessments* (Routledge, 2010), 20n10.

29 Gregory Bateson, *Naven: A Survey of the Problems Suggested by a*

Podem-se ouvir os aplausos de Deleuze e Guattari, mas Bateson não substituiu um paradigma (cismogênese) por outro (o platô). Em vez disso, sua análise sugere que *algumas* sociedades têm uma “aversão às sequências cismogênicas” e organizam sua cultura em conformidade, procurando substituir “um platô por um clímax”.³⁰ Bateson apresentou isso como *um* tipo de cultura entre outros e como um tipo bastante excepcional. Ele continuou retornando à cismogênese, conceito cuja versatilidade ficou evidente desde o início. Já em *Naven*, Bateson utilizou-o para analisar o contato colonial, explicando que “o residente europeu médio acredita que os nativos em todas as partes da Nova Guiné são notavelmente semelhantes em todas as partes do país”, porque os nativos “adotaram as mesmas táticas no tratamento com os Europeus”, criando o mesmo padrão cismogênico por toda a parte.³¹ Além disso, ele aplicou sumariamente a noção a fenômenos como a guerra de classes (complementar) e as rivalidades internacionais (simétricas).³² Após a Segunda Guerra Mundial, no contexto da cibernética emergente e da teoria dos sistemas, Bateson iria (re)conceituar a cismogênese como algo regulado por meio de *feedbacks* em circuitos causais autocorretivos.³³

É precisamente o conceito evitado por Deleuze e Guattari, cismogênese, que ganhou destaque na teoria recente. “*Nem vertical nem horizontal*”, de Rodrigo Nunes, não se baseia apenas em Tarde, mas também em Bateson. Nunes argumenta que a melancolia neo-

Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View (Cambridge University Press, 1936), p. 171-197.

30 Bateson, “Bali”, p. 113, 115.

31 Bateson, *Naven*, p. 184.

32 Bateson, *Naven*, p. 186.

33 Ver: epílogo de 1958 em Bateson, *Naven*.

leninista para “1917” e a melancolia autonomista para “1968” existem em

[...] uma relação de reforço mútuo que corresponde perfeitamente ao que Gregory Bateson chamou de cismogênese simétrica: uma “interação cumulativa” na qual os membros de dois grupos reagem uns aos outros com um padrão de comportamento idêntico e de mesma intensidade, mas em direções opostas, de modo que “cada grupo levará o outro a uma ênfase excessiva no padrão, em um processo que, se não for controlado, conduz apenas a uma rivalidade mais e mais extrema e, finalmente, à hostilidade e ao desmantelamento do sistema como um todo.”³⁴

Mais comumente, o conceito de Bateson é usado no contexto em que se originou: o estudo antropológico das sociedades indígenas ou tribais.³⁵ Em um ensaio sobre a antropologia anarquista de Pierre Clastres, Eduardo Viveiros de Castro observa que Clastres efetivamente distingue entre sociedades “complementares” e “simétricas” no noroeste da Amazônia.³⁶ Enquanto Viveiros segue aqui o exemplo de Bateson ao discutir processos cismogênicos *dentro de tribos/sociedades individuais*, a famosa reivindicação de Clastres de que muitas sociedades tribais criaram mecanismos para

34 Rodrigo Nunes, *Nem vertical nem horizontal* (Ubu Editora, 2023), p. 113. Disponível em: <https://is.gd/rodrigonunes>. Acesso em: 20 mar. 2024 (nota do tradutor).

35 Bateson desenvolveu o conceito pela primeira vez no artigo “Culture Contact and Schismogenesis”, *Man*, n. 35 (1935) e em livro em *Naven*.

36 “Clastres opõe judiciosamente a dinâmica verticalizante e centrípeta – diferenciação por cismogênese complementar, como diria Bateson – dos povos Chibcha, Aruaque e Carib desta zona, à dinâmica horizontalizante e centrífuga – ou seja, por cismogênese simétrica – que motiva o povo Tupi-Guarani, hostil à estratificação social”. Eduardo Viveiros de Castro, *Polítique des multiplicités: Pierre Clastres face à l'état* (Dehors, 2019), p. 88. Tradução do autor ao inglês.

evitar a emergência de hierarquias e de estruturas semelhantes a Estados pode ser lida em termos cismogênicos: essas “sociedades contra o Estado” não representam alguma fase evolutiva primitiva aborígene, mas sim uma forma de cismogênese simétrica por meio da qual certas tribos se diferenciam de Estados mais hierárquicos naquela parte do mundo.³⁷

The Dawn of Everything, de David Graeber e David Wengrow (2021), está repleto de referências a Clastres. Naquela que pode ser vista como uma resposta “clastreana” a Bateson, Graeber e Wengrow observam que “Bateson estava interessado em processos psicológicos dentro das sociedades, mas há todos os motivos para acreditar que algo semelhante acontece *entre* sociedades também. As pessoas passam a se definir contra seus vizinhos” – e isso, argumentam eles, aconteceu não apenas entre sociedades nativas diferentes nas Américas, mas também entre colonizadores europeus e nativos americanos.³⁸ Mais especificamente, ocorreu entre intelectuais indígenas americanos e europeus durante o século XVIII. No brilhante capítulo sobre a “crítica indígena” à sociedade europeia, Graeber e Wengrow argumentam contra a suposição de que os “nobres selvagens” que proferem críticas à sociedade europeia nos escritos de escritores do Iluminismo nada mais eram do que porta-vozes ficcionais convenientes para as opiniões dos autores. Em vez disso, Graeber e Wengrow apresentam evidências de que o modelo

37 Pierre Clastres, *La Société contre l'Etat* (Minuit, 1974).

38 David Graeber e David Wengrow, *The Dawn of Everything: A New History of Humanity* (Allen Lane, 2021), p. 57, grifo no original. O motivo da cismogênese também aparece em alguns trabalhos anteriores de Graeber, como “Theses on Kingship”, em coautoria com Marshall Sahlins, que introduz a linha de investigação buscada em *The Dawn of Everything*. Ver: Graeber e Marshall Sahlins, *On Kings* (Hau Books, n.d. (2017)), p. 1-22.

para muitos desses textos – os diálogos do Barão de Lahontan em 1703 com o estadista nativo americano Kandiaronk – dá ao leitor uma noção real das visões críticas deste último sobre a sociedade e a moral europeias. Confrontado com uma forma de vida expansionista marcada pela falta de liberdade e pela desigualdade, Kandiaronk passou a definir a sociedade nativa americana em termos totalmente opostos – um exemplo notável de cismogênese complementar *entre sociedades*.³⁹

Até que ponto isso é traduzível para o presente? Em uma declaração surpreendentemente totalizante que evoca a teoria dos sistemas mundiais de Immanuel Wallerstein, Graeber e Wengrow observam que

[...] desde a invasão ibérica das Américas e dos subsequentes impérios coloniais europeus, [...] houve, em última análise, apenas um sistema político-econômico, e ele é global. Se quisermos, por exemplo, avaliar se o Estado-nação moderno, o capitalismo industrial e a difusão de manicômios estão necessariamente ligados, em oposição a fenômenos separados que se juntaram por acaso em uma única parte do mundo, simplesmente não há nenhuma base a partir da qual se possa julgar. Todos os três surgiram em uma época em que o planeta era efetivamente um único sistema global, e não temos outros planetas para nos comparar.⁴⁰

Se Graeber e Wengrow evitam em grande parte usar o termo “capitalismo” e muitas vezes parecem desconectar a análise do Estado de qualquer explicação sistêmica da ascensão do modo de produção capitalista, aqui eles chegam a uma posição matizada: não é o Estado (ou “o povo”) ou “o capitalismo” que

39 Graeber e Wengrow, *Dawn of Everything*, p. 27-77.

40 Graeber e Wengrow, *Dawn of Everything*, p. 449-450.

é soberano, mas sim um sistema político-econômico no qual o Estado-nação tem servido como canal para o capital, mesmo enquanto regula e às vezes bloqueia seus fluxos. Mas, se o Estado-nação era uma “amálgama de elementos” que agora estão “em processo de desagregação”, então até que ponto esse processo de desintegração abre um potencial para divergências fundamentais?⁴¹

FUGITIVIDADE E INTERCOMUNALISMO

A oposição de Raymond Williams entre o meramente *alternativo* e o propriamente *oposicionista* (pense-se na contracultura dos anos 1960 *versus* a Nova Esquerda politizada) foi posta em causa pela virada micropolítica dos anos 1970 e 1980, associada aos escritos de Deleuze e Guattari. Embora os efeitos disso tenham sido ambíguos, foi também um momento teórica e taticamente rico.⁴² Com a noção de deserção recebendo uma valência positiva, vista não como escapismo, mas sim como uma oferta de autonomia, as práticas oposicionistas passaram agora a ser consideradas limitadas e *insuficientemente alternativas*, uma vez que permaneceram em dívida com aquilo a que se opõem por meio de uma negação sempre parcial. A insistência de Deleuze em divergências que são irredutíveis à contraimitação ou à cismogênese complementar foi recentemente ecoada por Isabelle Stengers, que dá uma nota deleuziana quando argumenta que os processos de divergência não deveriam ser entendidos

41 Graeber e Wengrow, *Dawn of Everything*, p. 231.

42 Para observações de advertência sobre os perigos de desconsiderar a “luta coletiva das minorias reais” em favor de “minorias criativas ainda por vir”, ver: Donna V. Jones, *The Racial Discourses of Life Philosophy: Négritude, Vitalism, and Modernity* (Columbia University Press, 2010), p. 71.

como “divergentes dos outros”, pois isso tornaria divergência em forragem para comparações:

A divergência não ocorre entre práticas; não é relacional. É constitutiva. Uma prática não se define em termos de sua divergência em relação a outras. Cada uma tem sua maneira positiva e distinta de prestar a devida atenção; isto é, de ter coisas e situações importantes. Cada uma produz sua própria linha de divergência, assim como produz a si mesma.⁴³

A expressão “linha de divergência”, de Stengers, é uma de suas referências à “linha de fuga” de Deleuze e Guattari.⁴⁴ Isto, por sua vez, aponta para mais um elemento no arranjo teórico de *Mil Platôs*: o radicalismo negro estadunidense do fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. As notas escritas na prisão pelo “Irmão Soledad” e ativista dos Panteras Negras George Jackson foram publicadas em uma tradução francesa em 1971, e, nesse mesmo ano, o *Groupe d’Information sur les Prisons* (Grupo de Informação sobre as Prisões) de Foucault publicou um tratado intitulado *L’assassinat de George Jackson*. A máxima de Jackson de que “posso fugir, mas, enquanto estiver fugindo, estarei procurando uma arma”⁴⁵ tornou-se uma referência crucial para a elaboração do conceito de linhas de fuga em *Mil Platôs*.⁴⁶ Também aqui o uso ou a apropriação de um autor ocorre por meio da descontextualização e da abstração – e, em muitos aspectos, isso é paralelo à oclusão das contribuições teóricas feitas pelos ativistas dos Panteras Negras. É difícil contestar a avaliação de Harney e

43 Isabelle Stengers, “Comparison as a Matter of Concern”, *Common Knowledge* 17, n. 1 (Winter 2011), p. 59.

44 Ver: Isabelle Stengers, *Catastrophic Times: Resisting the Coming Barbarism*, trans. Andrew Goffey (Open Humanities Press/Meson Press, 2015), p. 23-24.

45 No original: “I may take flight, but all the while I am fleeing, I will be looking for a weapon” (nota do tradutor).

46 Deleuze e Guattari, *A Thousand Plateaus*, p. 239.

Moten de que o autonomismo tem uma “dívida à distância com a tradição radical negra” – e talvez a dívida resida precisamente na manutenção dessa distância.⁴⁷

Se a fugitividade de Jackson foi transmutada em deserção deleuziana, mais problemática do que tal apropriação é a negligência teórica de décadas do principal teórico dos Panteras Negras, Huey P. Newton, que só agora está começando a ser visto como um “intelectual não reconhecido” da Nova Esquerda – embora com momentos e padrões preocupantes em sua biografia.⁴⁸ Em *Commonwealth*, Hardt e Negri parecem iniciar uma reavaliação muito necessária, observando a importância do abandono, por parte de Newton, de sua “afirmação de identidade” nacionalista negra anterior: Newton “desloca progressivamente o quadro revolucionário do nacionalismo para o internacionalismo e, finalmente, para o ‘intercomunalismo’, em um esforço para designar um marco teórico para a libertação que implique a abolição da identidade racial e de suas estruturas de insubordinação”.⁴⁹ O intercomunalismo de Newton era uma tentativa de articular formas emergentes de identificação e de colaboração coletivas para além e contra o Estado-nação. “Dizemos que o mundo hoje é um conjunto disperso de comunidades. Uma comunidade é diferente de uma nação. Uma comunidade é uma pequena unidade com um conjunto abrangente de instituições que servem para existir (*sic*)

47 Stefano Harney e Fred Moten, *The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study* (Minor Compositions, 2013), p. 64.

48 John Narayan, “Huey P. Newton’s Intercommunalism: An Unacknowledged Theory of Empire”, *Theory, Culture & Society* 36, n. 3 (2019), p. 1-2. Os padrões de violência misógina no Partido dos Panteras Negras devem ser abordados como parte de uma reavaliação geral dos pontos fortes e fracos do movimento.

49 Michael Hardt e Antonio Negri, *Commonwealth* (Harvard University Press, 2009), p. 336.

um pequeno grupo de pessoas”.⁵⁰

Newton argumentou que o mundo atual estava preso em um estado de intercomunalismo reacionário, marcado por uma luta “entre o pequeno círculo que administra e lucra com o império dos Estados Unidos e os povos do mundo que querem determinar seus próprios destinos”⁵¹. Aqui, em outras palavras, uma “comunidade” que é uma elite imperial extrai valor do mundo no marco de um Estado-nação que se torna hegemônico e global. O diagnóstico foi presciente, mesmo que alguns detalhes estejam datados. Para Newton, estava claro que o “intercomunalismo reacionário (império)” precisava ser substituído pelo “intercomunalismo revolucionário”. Ele continua: “Os povos do mundo devem tomar o poder do pequeno círculo dominante e expropriar os expropriadores”.⁵² A tradução desse horizonte revolucionário em prática revolucionária poderia assumir formas diversas e contraditórias. Por um lado, Newton considerava a China, a Coreia do Norte e o Vietnã como “territórios libertados” governados pelos seus povos ou comunidades – embora aqui ele colida seu conceito de comunidades novamente com o de um Estado-nação, governado por um partido que serve como a vanguarda do povo. O Partido das Panteras Negras, é claro, modelou-se em tais partidos, e o capítulo de Newton em Oakland era claramente onde o politburo estava localizado.⁵³ Este não é o lugar para

50 Huey P. Newton, “Intercommunalism” (1974), *Viewpoint Magazine*, 11 jun. 2018. Disponível em: <https://viewpointmag.com/2018/06/11/intercommunalism-1974>.

51 Newton, “Intercommunalism”. Uma leitura anterior de Newton sobre o intercomunalismo foi publicada em *The Black Panther* 5, n. 30 (23 jan. 1971). A revista logo mudaria seu subtítulo de *Black Community News Service* para *Intercommunal News Service*.

52 Newton, “Intercommunalism”.

53 Delio Vásquez afirma que “o capítulo de Oakland acabou na prática funcionando como mais um órgão político, além do FBI

uma disquisição sobre as tensões dentro e entre a teoria e a prática dos Panteras Negras. Nada deve ser adocicado, mas o pronunciamento de Newton de que “sempre haverá contradições, caso contrário tudo pararia” sugere que mesmo as contradições mais dolorosas devem ser trabalhadas e superadas.⁵⁴

Uma característica particularmente convincente do pensamento de Newton é sua rejeição ao fechamento identitário e sua insistência na concatenação intercomunitária ou transversal. Sua análise do império, assim como dos encontros pessoais, levou-o à convicção de que os movimentos de libertação negros e gays precisavam combinar suas lutas, uma vez que ambos os grupos se viam vitimados e brutalizados pelo aparelho de Estado.⁵⁵ Os Panteras Negras não deveriam ser vistos como um movimento “identitário” em nenhum sentido redutivo, e Newton afirmava a necessidade de uma “identidade universal” criada por meio da interação dialética de grupos e forças sociais, opondo-se ao “chauvinismo cultural, racial e religioso, o tipo de etnocentrismo que temos agora”.⁵⁶ Embora se tenha apropriado da retórica e dos métodos leninistas/maoistas para os Panteras Negras, seu conceito de comunidade alargava o horizonte da luta e o impedia de se atolar em debates sobre classe versus raça ou classe e da polícia local, contra o qual alguns capítulos locais se viram confrontados. Vásquez, “Intercommunalism: The Late Theorizations of Huey P. Newton, ‘Chief Theoretician’ of the Black Panther Party”, *Viewpoint Magazine*, 11 jun. 2018. Disponível em: <https://viewpointmag.com/2018/06/11/intercommunalism-the-late-theorizations-of-huey-p-newton-chief-theoretician-of-the-black-panther-party/>.

54 Newton, “Intercommunalism”.

55 Ver: Jared Leighton, “‘All of Us Are Unapprehended Felons’: Gay Liberation, the Black Panther Party, and Intercommunal Efforts Against Police Brutality in the Bay Area”, *Journal of Social History* 52, n. 3 (2019).

56 Newton, “Intercommunalism”.

versus gênero. O que unia todas as lutas e tornava o intercomunalismo uma necessidade era a experiência de opressão das várias comunidades.

Contudo, obviamente não é evidente que tal experiência será realmente vista como uma experiência compartilhada e se tornará a base para a solidariedade e a ação. Como John Narayan argumenta em um artigo que encena um diálogo crítico entre Newton, Deleuze e Hardt/Negri, “o relato de Newton sobre os efeitos divisivos do intercomunalismo reacionário sobre a multidão e a necessidade de combater tais efeitos é uma característica particularmente produtiva desse pensamento”, fornecendo “o elo perdido que Hardt e Negri não conseguem fornecer em seu relato dos arranjos revolucionários da multidão”.⁵⁷ A insistência de Newton de que “os efeitos materiais e ideológicos do império constituem obstáculos reais e significativos à unificação de um sujeito revolucionário globalmente disperso” nunca foi tão relevante.⁵⁸ Desde segmentos da classe trabalhadora branca que apoiam candidatos fascistas até ao antissemitismo negro e à violência feminista contra pessoas trans, os sintomas do intercomunalismo reacionário abundam.

A colisão de identidades é belamente abordada em *Twilight City* (1989), filme-ensaio do Black Audio Film Collective cujos membros eram bem versados na teoria radical negra estadunidense e britânica. *Twilight City* se passa em uma comunidade afro-caribenha na Londres thatcherista, que está sendo deslocada à medida que a Ilha dos Cães é transformada no distrito financeiro de Docklands, um local de capital desterr-

57 Narayan, “Huey P. Newton’s Intercommunalism”, 15, p. 18.

58 Citado em Narayan, “Huey P. Newton’s Intercommunalism”, p. 16.

torializado. A narradora fictícia do filme e vários entrevistados “comuns” refletem sobre uma espécie de intercomunalismo negativo que está se estabelecendo: Paul Gilroy, por exemplo, insiste que, na Londres de Thatcher, as pessoas muitas vezes habitam o mesmo espaço físico, estando “fisicamente próximas”, sem realmente se encontrarem de alguma forma significativa.⁵⁹ As comunidades estão conectadas apenas negativamente, como concorrentes; na pior das hipóteses, tornam-se inimigas, sujeitando-se mutuamente à violência racista ou homofóbica.

A narradora do filme, de fato, revela que esse intercomunalismo negativo a atravessa, já que sua mãe caribenha não consegue compreender sua participação na vida noturna *queer*: “À medida que a velha Londres se dissolve, as almas perdidas tornam-se mais visíveis”. Seus amigos são “criaturas da noite” que sua mãe não consegue aceitar. Sua identidade dividida é evocada em visões noturnas de Londres, assim como através de quadros encenados de corpos (masculinos) estetizados. Essa vida noturna pode muito bem ser vista como uma deserção da Londres thatcherista, com linhas de divergência incertas que se desviam para trajetórias diferentes, desde carreiras nas artes e na academia até formas de existência verdadeiramente marginalizadas. Entretanto, Gail Lewis observa que os negros parecem agora circular por Londres com mais confiança e que ela está otimista em relação à dimensão simbólica e cultural, mas deprimida quando se trata do lado material da sobrevivência em Londres.

59 Hardt e Negri leram o anti-identitarismo de Newton como “a base dos esforços de Paul Gilroy para deslocar o discurso da política negra rumo à abolição da raça”. Hardt e Negri, *Commonwealth*, p. 336.

Twilight City percorreu o circuito de festivais em meados de 1989, na época da queda do Muro de Berlim. Na sequência desse acontecimento histórico, Stuart Hall e Fredric Jameson tiveram uma conversa que foi publicada na revista britânica *Marxism Today*, na qual debateram sobre a perspectiva de que tanto o segundo quanto o terceiro mundos seriam “enredados” em um “novo sistema mundial” de capitalismo global pós-1989 – e o termo “sistema mundial” evocava novamente a “teoria dos sistemas mundiais” marxista desenvolvida por Wallerstein.⁶⁰ Se tanto Jameson (o teórico marxista estadunidense do pós-modernismo) quanto Hall (o pioneiro jamaicano-britânico dos estudos culturais) eram leitores atentos de Raymond Williams, Jameson sublinha o sistêmico e o dominante, enquanto Hall defende a diferença e a emergência. Para Jameson, o pós-modernismo foi marcado pela cultura dominante que se tornou mais difundida e hegemônica do que nunca. Enquanto uma “modernização tendencialmente completa” em que “resquícios mais antigos foram removidos”, o pós-modernismo é o apogeu do imperialismo cultural.⁶¹ Hall insiste em um contraponto dialético: de seu ponto de vista pós-colonial britânico, o fundamental é que a padronização pós-moderna e a cultura de massa produzem, em uma inversão dialética, “uma proliferação de diferença, de

60 Aqui estou combinando elementos de declarações de Jameson e de Hall em “Interview with Stuart Hall” (1990), *Jameson on Jameson: Conversations on Cultural Marxism*, organização de Ian Buchanan (Duke University Press, 2007), p. 120. Esta conversa apareceu originalmente na edição de setembro de 1990 do *Marxism Today* sob o título revelador “Clinging to the Fragments” [Agarrando-se aos fragmentos].

61 Jameson, “Interview with Stuart Hall”, p. 114. Para a noção de pós-modernismo derivada de Williams por Jameson como “dominante cultural”, ver: *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism* (Duke University Press, 1991), p. 6.

alteridade” [otherness].⁶²

Em 1989, Hall contribuiu com duas palestras para um simpósio sobre “Cultura, globalização e sistema mundial” na Universidade de Binghamton, sede de Immanuel Wallerstein e de seu instituto.⁶³ Aqui, Hall analisou “o pós-moderno global” como algo aquém de se tornar um “regime unitário”, em contraste com o que alguns teóricos franceses decretaram. Observando que “a marginalidade tornou-se um espaço poderoso”, Hall afirma que “as nossas vidas foram transformadas pela luta das margens para entrarem em representatividade”.⁶⁴ Hall, obviamente, estava muito ciente dos limites da representatividade identitária sob as condições capitalistas, tendo a negritude o potencial para sabotar, assim como para fomentar a solidariedade.⁶⁵ Na entrevista com Jameson, Hall parece mais inclinado a insistir nos problemas: “O nosso senso de agência na esquerda sempre dependeu de um senso de união: solidariedade – não apenas o indivíduo ‘rebelde solitário’. Mas é exatamente esse senso de totalidade, de ação coletiva e de solidariedade que foi minado pela nova lógica da ‘diferença’ que domina a era do pós-moderno”.⁶⁶

Em Binghamton, Hall parecia mais inclinado a focar na potencialidade. Invocando Williams, Hall continuou sugerindo que o marginal é um local de emergência cultural: “Nas artes contemporâneas, eu iria

62 Hall, “Interview with Stuart Hall”, p. 116.

63 Ver a segunda e definitiva edição do volume da conferência editado por Anthony D. King, *Culture, Globalization and the World-System: Contemporary Conditions for the Representation of Identity* (University of Minnesota Press, 1997).

64 Stuart Hall, “The Local and the Global: Globalization and Ethnicity”, *Culture, Globalization and the World-System*, 32, p. 34.

65 Hall, “Interview with Stuart Hall”, p. 118.

66 Hall, “Interview with Stuart Hall”, p. 118.

mais longe e diria que, cada vez mais, qualquer pessoa que se preocupe com o que é criativamente emergente nas artes modernas encontrará que tem algo a ver com as linguagens da margem”.⁶⁷ No entanto, também podemos considerar essa noção de marginal como perturbadora das distinções conceituais de Williams: na esfera da marginalidade, o residual e o emergente podem ser difíceis de separar. *Twilight City*, do mesmo ano, certamente sugere que a marginalidade é um terreno contestado. Com as margens sociais intensificando as pressões e as contradições do sistema, elas podem facilmente se tornar divididas e conflituosas – um terreno fértil para o intercomunalismo reacionário.

* * *

CAPITALISMO E CISMOGÊNESE. PARTE II

ASSUNTOS INESPERADOS, FAZENDO HISTÓRIA DE OUTRA FORMA

A tradição radical negra é marcada por um profundo debate sobre o materialismo histórico, sobre a negação dialética da negação e sobre as interpretações marxistas de Alexandre Kojève da parábola do senhor e do escravo de Hegel (ou, em uma tradução mais literal do alemão, senhor e servo) como princípio da luta de classes e da própria história. Se C. L. R. James tendia em grande parte a ver a luta anticolonial através do prisma da luta de classes, Sylvia Wynter notou que o trabalho literário dele foi um passo além: o *alter ego* de James tinha o nome revelador de “Matthew Bonds-

67 Hall, “The Local and the Global”, p. 34.

man” e precisava “chegar a um acordo com o fato de ele se ter tornado ‘rejeito’”.⁶⁸ Pensadores caribenhos francófonos como Aimé Césaire e Frantz Fanon efetuarão uma ruptura mais decisiva com Hegel. No comentário incisivo de Fanon, o senhor da plantação do mundo real “ri da consciência do escravo” e quer o trabalho incansável de seus escravos, em vez de algo tão inútil e improdutivo como o “reconhecimento”.⁶⁹ Donna V. Jones resume a crítica de Fanon: “A dialética hegeliana simplesmente não parece se adequar à experiência dos escravos africanos no Novo Mundo: não faria sentido que escravos acorrentados e açoitados pudessem ver no trabalho um veículo para a autorrealização”.⁷⁰ A emancipação, portanto, necessita assumir a forma de emancipação *do trabalho*, e não *mediante o trabalho*.

No contexto do feminismo de segunda onda, Carla Lonzi também atacou a dialética senhor/escravo de Hegel, novamente entendida em termos kojévianos como o princípio dialético de toda a história:

Se Hegel tivesse reconhecido a origem humana da opressão da mulher, como fez no caso do escravo, ele teria de aplicar a dialética senhor/escravo também no caso dela. Mas, ao fazer isso, teria encontrado um sério obstáculo. Pois, embora o método revolucionário possa captar o movimento da dinâmica social, é claro que a libertação da mulher nunca poderia ser incluída nos mesmos esquemas

68 Sylvia Wynter, “In Quest of Matthew Bondsman: Some Cultural Notes on the Jamesian Journey”, *Urgent Tasks*, n. 12 (verão de 1981), grifo no original. Disponível em: <http://www.sojournertruth.net/matthewbondsman.html>.

69 Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks* (1952), (Pluto Press, 1986), p. 220.

70 Donna V. Jones, *The Racial Discourses of Life Philosophy: Négritude, Vitalism, and Modernity* (Columbia University Press, 2010), p. 167. Ver também p. 163-170 do importante estudo de Jones.

históricos. No nível da relação mulher/homem, não existe nenhuma solução que elimine a outra; assim, o objetivo de tomar o poder é esvaziado de sentido.⁷¹

Isso tem consequências radicais: “reconhecemos dentro de nós mesmos a capacidade de efetuar uma transformação completa da vida. Não ficando presos na dialética senhor/escravo, tornamo-nos conscientes de nós mesmos; nós somos o Sujeito Inesperado”.⁷² Em grande medida, a história dos movimentos sociais no último meio século foi moldada por Sujeitos Inesperados que afirmaram sua agência. As consequências têm sido significativas, desde a cooptação de novas subjetividades como identidades móveis em ascensão até a proliferação de apelos paleoesquerdistas ao universalismo – em um registo retrô reificado que transforma efetivamente *seu* universalismo em uma forma dissimulada de particularismo identitário.

Esse desenvolvimento levanta questões fundamentais sobre a história como um processo dialético contínuo que opera por meio da negação da negação. A questão não é tanto se a dialética histórica alcançou ou pode alcançar sua culminação no Fim da História, mas que tipo(s) de história estão sendo perseguidos – possivelmente de modo simultâneo, embora assíncrono. Nos *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*, Marx argumentou que o socialismo devidamente compreendido será a revogação desse processo histórico.

71 Carla Lonzi, “Let’s Spit on Hegel” (1970), 2010. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5bc849e8c2ff615809f5d3a7/t/5ccd694471c10b7dac249e0f/1556965705039/Lets-Spit-on-Hegel-Carla-Lonzi.pdf>. Sobre Lonzi, ver: *Feminism and Art in Postwar Italy: The Legacy of Carla Lonzi*, organização de Franceso Ventrella e Giovanna Zapperi (Bloomsbury, 2020).

72 Lonzi, “Let’s Spit on Hegel”, p. 18. Ver: Janet Sarbanes, “On Difference, Self-Valorization, and the Unexpected Subject”, cap. 5, *Letters on the Autonomy Project* (Punctum Books, 2022).

Se o capitalismo baseado na propriedade privada negou a fase pré-capitalista, o comunismo como negação do capitalismo ainda carregará as marcas da forma capitalista de propriedade e de produção (como foi o caso nos países “socialistas efetivamente existentes” do século XX). O comunismo, nesse sentido, não pode ser a meta ou o fim da história; é uma mediação ainda marcada pela negação da negação, e será seguida por um período (pós-)histórico de “autoconsciência positiva” e de “realidade positiva”.⁷³ É aqui que o primeiro Marx ressoa tanto com Césaire quanto com Deleuze – dois pensadores da linha de fuga, e Deleuze insistia na necessidade de “negações não dialéticas” que equivalem à “diferença positiva”.⁷⁴ Deleuze enfatiza a *realidade* dessa diferença positiva: não se trata de esperar pelo fim da história, mas sim de abrir linhas de fuga enquanto se instigam divergências e deserções aqui mesmo, agora mesmo, no nível molecular. É aqui que Deleuze encontra Negri e onde o deleuzianismo se

73 “O socialismo é a *autoconsciência positiva* do homem, não mais mediada pela abolição da religião, assim como a *vida real* é a realidade positiva do homem, não mais mediada pela abolição da propriedade privada, por meio do *comunismo*. O comunismo é a posição da negação da negação e é, portanto, a fase *atual* necessária para a próxima fase do desenvolvimento histórico no processo de emancipação e reabilitação humanas. O *comunismo* é a forma necessária e o princípio dinâmico do futuro imediato, mas o comunismo como tal não é a meta do desenvolvimento humano, a forma da sociedade humana”. Deve-se notar que o uso que Marx faz dos termos “socialismo” e “comunismo” aqui difere significativamente do uso posterior. Karl Marx, “Private Property and Communism”, *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*, grifo no original. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/comm.htm>.

74 Sobre a discussão de Marx nos *Manuscritos de 1844* sobre o comunismo como uma mediação a ser superada, ver: Chris Arthur, “Hegel, Feuerbach, Marx and Negativity”, *Radical Philosophy*, n. 35 (outono de 1983). Sobre Deleuze, ver: Michael Hardt, *Gilles Deleuze: An Apprenticeship in Philosophy* (University of Minnesota Press, 1993), xii, 33, p. 62. Sobre Césaire, ver: Jones (drawing on Hardt), *Racial Discourses of Life Philosophy*, p. 168-170.

mistura com a autonomia.

Em um momento histórico marcado pela memificação e pela trollificação da teoria política, alguns apostaram na política autonomista da imanência para apregoar algum tipo de política partidária leninista “propriamente política”, embora reduzida a uma marca teórica. A questão não é minimizar as limitações e as contradições do autonomismo, nem negar a relevância da forma partidária como parte de um arranjo global de formações organizacionais imperfeitas, de estruturas verticais e horizontais. No entanto, um esclarecimento fundamental parece necessário: não muito diferente da crítica imanente na tradição da Escola de Frankfurt, a prática política imanente visa a trabalhar com e contra as contradições do trabalho e da vida, de modo a exacerbá-las e *encontrar momentos de externalidade*.⁷⁵

Criar diferentes relações sociais sob o reinado da forma-valor e do Estado-nação é obviamente uma tarefa difícil – mas nem sempre está necessariamente claro onde termina esse “reinado”. Os limites do capitalismo podem ser definidos de uma forma significativa? Nancy Fraser observou que “o capitalismo é algo maior do que uma economia”, na medida em que também refaz e molda “as condições ‘não econômicas’ de fundo que permitiram a existência de tal ‘sistema econômico’”.⁷⁶

75 Minha formulação aqui invoca a discussão de Howard Caygill sobre a crítica dialética imanente de Walter Benjamin: Caygill, *Walter Benjamin: The Colour of Experience* (Routledge, 1998), p. 62-63. Para uma crítica imanente a partir de uma perspectiva da Escola de Frankfurt, ver: Rahel Jaeggi, *Critique of Forms of Life* (Harvard University Press, 2018).

76 Nancy Fraser, “Behind Marx’s Hidden Abode: For an Expanded Conception of Capitalism”, *New Left Review*, n. 86 (mar.-abr. 2014), 66. Ver também a elaboração recente de Fraser sobre esse artigo em *Cannibal Capitalism: How Our System Is Devouring Capitalism, Democracy, Care, and the Planet—and What We Can Do about It* (Verso, 2022).

O capitalismo, então, é expansivo e expansionista. Outra crítica feminista ao capitalismo aponta para uma direção diferente do diagnóstico de Fraser: o “modelo do *iceberg*”, de J. K. Gibson-Graham, mostra uma ponta visível com o “trabalho assalariado, produção para os mercados, negócios capitalistas”, enquanto quem borbulha debaixo da superfície é a massa muito maior de intercâmbios e cooperação não mercantis.⁷⁷ Aqui, ao contrário de Fraser, *a economia é algo maior do que o capitalismo*, se utilizarmos o termo “economia” em um sentido mais abrangente para incluir todas as formas de (re)produção social.

Juntas, essas posições podem ser usadas para uma explicação dialética – em vez de binária – da potencialidade e dos limites da cismogênese anticapitalista. Sim, o capitalismo envolve uma conquista imperialista e uma transformação das relações sociais pela forma-valor, mas o processo está inacabado e em aberto. As relações produtivas capitalistas impulsionam um processo contínuo de acumulação primitiva que é aberto – economicamente, senão até ecologicamente, uma vez que a Terra é um sistema fechado.⁷⁸

Enquanto durar, sempre haverá novas fronteiras econômicas a serem conquistadas. O próprio aque-

77 O diagrama foi originalmente concebido pelo Community Economies Collective em 2001 e desenhado por Ken Byrne. Ver: J. K. Gibson-Graham, *A Postcapitalist Politics* (University of Minnesota Press, 2006), p. 70.

78 A afirmação de que a chamada acumulação primitiva (*unsprüngliche Akkumulation*) pressupõe o desenvolvimento de relações produtivas capitalistas e, portanto, não “precede” o capitalismo é defendida por Pepijn Brandon em sua palestra “Elementos da acumulação original: expropriação, guerra e escravidão em a História do Capitalismo”, Vrije Universiteit Amsterdam, 23 mai. 2023. Disponível em: https://research.vu.nl/ws/portalfiles/portal/228234131/Inaugural_lecture_Brandon_Elements_of_original_accumulation_ENG.pdf.

cimento global tem sido transmutado em uma oportunidade de negócio. Contudo, os antagonismos e as sobras geradas no processo não podem ser totalmente contidos pela lógica do desenvolvimento capitalista; este é um planeta de zonas de guerra e de descampados tóxicos, de populações excedentes e de migrações em massa. Mas o imaginário midiático dominante sobre o colapso e a barbárie precisa ser questionado em si mesmo. Apesar da exposição desigual à violência lenta, ninguém pode verdadeiramente desertar do colapso climático, mas *existem* diferentes formas de viver na catástrofe – de “voar através do apocalipse”.⁷⁹

Inspiradas em parte pelo discurso deleuziano, as deserções autonomistas podem ser vistas como tentativas de *implementar a cismogênese de outra forma*, de produzir divergências constitutivas sem seguir nenhuma sequência de negações decretadas pela dialética histórica: “Sonhávamos em acordar todas as manhãs em um lugar onde a secessão do sistema era um processo permanente”.⁸⁰ O que está em jogo aqui é a cismogênese para além dos mecanismos contramiméticos de estilos de vida e identidades diversificados e, de fato, conflitantes sob o capitalismo, de guerras culturais e divergências ideológicas. Até que ponto, porém, se pode falar de uma divergência cismogenética emergente *entre sociedades*, na linha da “crítica indígena” de Graeber e Wengrow?⁸¹ No caso de Gibson-Graham,

79 Expressão utilizada por Jota Mombaça durante um encontro no contexto da exposição de Jeanne van Heeswijk: “It’s OK... commoning uncertainties”, Oude Kerk, Amsterdam, 7 jul. 2023 (citado de memória).

80 Isabelle Fremeaux e Jay Jordan, *We Are “Nature” Defending Itself: Entangling Art, Activism and Autonomous Zones* (Pluto Press, 2021), p. 43.

81 David Graeber e David Wengrow, *The Dawn of Everything: A New History of Humanity* (Allen Lane, 2021), p. 27-77.

deve-se notar que formas residuais de cooperação não capitalista estão por toda parte neste mundo. Grande parte do ativismo contemporâneo gira em torno de tentativas de transmutar bens comuns residuais em uma força reemergente, e certas infraestruturas da arte contemporânea têm fornecido um certo grau de apoio e de publicidade para articulações cismogênicas e formas de vida divergentes.

Em um manifesto de 2008, o coletivo russo Chto Delat declarou:

Acreditamos que o capitalismo não é uma totalidade, que a tese popular de que “não há nada fora do capital” é falsa. A tarefa do intelectual e do artista é engajar-se em um desmascaramento completo do mito de que não existem alternativas ao sistema capitalista global. Insistimos no óbvio: um mundo sem o domínio do lucro e da exploração não só pode ser criado, mas sempre existe nas micropolíticas e microeconomias das relações humanas e do trabalho criativo.⁸²

Em um comentário de 2010 sobre essa declaração, David Riff, então membro do Chto Delat, discutiu a questão contra a totalização em termos de elementos residuais e emergentes, e de uma multiplicidade de capitalismo:

É como se víssemos muitos capitalismo diferentes, todos competindo entre si e trabalhando milagrosamente juntos para aumentar a produtividade do sistema como um todo. Ao mesmo tempo, há cantos e recantos onde prosperam os atavismos, lugares que o capital global deixa de lado, apenas para os capturar mais tarde ou zonas que ele desenvolve,

82 Chto Delat, “A Declaration on Knowledge, Politics, and Art” (2008), com comentários de Dmitry Vilensky e David Riff (2010), na revista *Chto Delat? What Is to Be Done? in Dialogue (reader)*, 2010, p. 2. Disponível em: https://issuu.com/streetuniver/docs/reader_ica.

corrige e abandona. Precisamos trabalhar nesses “interstícios” assim que o capital fugir para reimaginar aquilo que Marx quis dizer quando afirmou que cada sociedade velha está grávida de uma nova.⁸³

Mesmo descontando a dor peculiar que surge ao reler tais frases em um momento em que o regime de Putin reprime a dissidência interna enquanto bombardeia cidades ucranianas, a transformação aparentemente inexorável das artes visuais em uma classe de ativos ligada ao livre mercado pode fazer com que esse pensamento pareça esperançoso demais. Artistas e organizações “críticas” aceitam alegremente esmolas das camadas superiores do capital financeiro, dos colecionadores alemães *mit Nazihintergrund* ou do xeique de Sharjah.⁸⁴ Os curadores que incansavelmente promovem “conteúdos” decoloniais ou feministas comportam-se como máquinas de guerra neoliberais, e a fachada *woke* é abundante. As contradições incorporadas geram patologias comportamentais: o discurso está repleto de termos como “colaboração” e “cuidado”, mas esses colaboradores atenciosos agem como autoempresendedores neoliberais trabalhando em sua marca. As instituições mais plutocráticas tuitam quadrados pretos em apoio ao *Black Lives Matter*, e no “*Power Top 100*” de uma revista do mundo da arte, o primeiro lugar em 2021 foi elegantemente concedido a uma entidade não humana, um padrão para NFTs, enquanto o número 35 foi para um curador negro que trabalha para um dos

83 Comentário de David Riff. In: Chto Delat, “A Declaration on Knowledge, Politics, and Art”, p. 2.

84 A expressão alemã “*Menschen mit Nazihintergrund*” foi proposta como uma variação irônica da expressão “*mit Migrationshintergrund*”; ver: Michael Rothberg, “People with a Nazi Background”: Race, Memory, and Responsibility”, *Los Angeles Review of Books*, 20 mai. 2021. O termo foi aplicado à proeminente colecionadora de arte Julia Stoschek.

mais poderosos gigantes das galerias transnacionais, o que supostamente equivale a “mudar o sistema por dentro”.⁸⁵ O produto ideal do capitalismo cultural contemporâneo é a criptoarte *woke*. Se a arte contemporânea tem sido uma força de emergência, ela tem sido a emergência da ordem agora dominante – embora cada vez mais assolada por crises e fraturada.

Será que as próprias estruturas organizacionais dominantes poderiam ser locais de emergência? Essa é a afirmação da vertente da teoria esquerdista que se inspira nos debates do início do século XX sobre o planejamento social: tal como Lenin via o sistema dominante alemão como uma incubadora de planejamento social, e Otto Neurath considerava a socialização parcial da produção na economia de guerra da Primeira Guerra Mundial como um primeiro passo rumo a uma economia totalmente socializada e planejada, os teóricos atuais propõem a Amazon ou o Walmart como modelos para o planejamento socializado na era do *big data*. Argumentei em outro lugar que o “debate do cálculo socialista 2.0” precisa urgentemente assumir posições conselhistas e radicais de esquerda que coloquem em primeiro plano a auto-organização dos trabalhadores.⁸⁶ Se o comunismo de conselhos clássico permaneceu largamente fixado nos trabalhadores industriais brancos do sexo masculino, os conselhos de hoje precisam assumir o trabalho maquínico e os empregos humanos que o moldam (desde programadores a trabalhadores de cliques), o trabalho reprodutivo, o trabalho cultural e o trabalho excedente – no Sul Global, assim como

85 Disponível em: <https://artreview.com/artist/ebony-l-haynes/?year=2021>.

86 Sven Lütticken, “Plan and Council: Genealogies of Calculation, Organization, and Transvaluation”, *Grey Room*, n. 91 (primavera de 2023).

no Antigo Ocidente. Para a Documenta 15, ruangrupa usou o termo “*lumbung*”, um nome para os celeiros de arroz comum indígenas na Indonésia, para se referir a seus fundos coletivizados; um participante ponderou que ver os “*lumbungs* como soviets” (isto é, conselhos) sugeria “a possibilidade de ter uma federação autônoma de trabalhadores que autodeterminam seu trabalho, suas atividades e se auto-organizam pelo bem comum”.⁸⁷

Se os cenários e modelos dos históricos conselhistas holandeses e alemães se baseavam na revolução e na socialização plena, os atuais agrupamentos em rede e suas assembleias são prefigurações precárias. Mas o que é isso que *está* sendo prefigurado por essas formas de vida emergentes? São deserções imanentes que procuram criar zonas de alteridade desviando as infraestruturas imperiais. Constituem aquilo que Jameson chamaria de “uma dialética entre o não dialetizável e o dialetizável”.⁸⁸ À medida que alguns sujeitos bastante inesperados começam a concretizar formas potenciais de vida e formas sociais divergentes em condições precárias, eles são dilacerados por ataques externos e por conflitos internos. Como transformar a soma de deserções em um “projeto antissistêmico de criação do mundo” – para usar o termo de Adom Getachew para a descolonização do pós-guerra – com repercussões que ultrapassam alguns bolsões aqui e acolá?⁸⁹

87 Jazael Olguín Zapata, “Lumbungs of the Worlds: An Ongoing Making”, *Documentamtam*, n. 4 (mai. 2022). Disponível em: <https://artscollaboratory.org/documentamtam-4>.

88 Fredric Jameson, *Valences of the Dialectic* (Verso, 2009), p. 26.

89 Adom Getachew, *Worldmaking after Empire: The Rise and Fall of Self-Determination* (Princeton University Press, 2019); Getachew caracteriza a International Workingmen’s Association como constitutiva desse primeiro projeto (3).

DIVERGÊNCIAS INDIGENISTAS

Tendo levantado essas questões, terminarei – por enquanto – não com grandes pronunciamentos, mas com algumas notas sobre um conjunto particular de práticas divergentes: práticas ativistas e artísticas que podem ser denominadas indigenistas. Este não é o campo de grandes projetos e esquemas retroaceleracionistas, mas sim de uma temporalidade tenaz. Para além do meramente residual, a “sobrevivência” indígena, para usar o termo de Gerald Vizenor, levou a um renascimento indígena que inspira outras formas de ativismo e produção cultural.⁹⁰ Nas palavras de James Clifford, “os povos indígenas emergiram do ponto cego da história”, tendo-se recusado a seguir o roteiro que pré-ordenou o desaparecimento deles.⁹¹ Em seu livro sobre o renascimento indígena, Clifford insiste que “o capital global e o Estado são forças ativas, mas não estruturas determinantes”, o que constitui um contraponto salutar às concepções totalizantes do “sistema”.⁹² Talvez isso precise ser pensado em termos de graus: tais forças podem agir como estruturas determinantes em algumas partes do mundo, para algumas pessoas. A abstração real é uma força operacional com agência real, mas com alcance desigual.⁹³

Mais uma vez, a questão é se e como são possíveis formas de vida divergentes dentro e contra as estruturas que globalizaram o mundo. Clifford faz referência ao relato de Raymond Williams sobre os “elementos

90 Gerald Vizenor, *Manifest Manners: Narratives of Postindian Survivance* (University of Nebraska Press, 1999).

91 James Clifford, *Returns: Becoming Indigenous in the Twenty-First Century* (Harvard University Press, 2013), p. 13.

92 Clifford, *Returns*, p. 37.

93 Ver o meu *Objections: Forms of Abstraction*, vol. 1 (Sternberg Press, 2022).

‘dominantes, residuais e emergentes’ em qualquer conjuntura” como fatores que

[...] não formam necessariamente uma narrativa coerente em que o residual indexa o passado, e o emergente, o futuro [...] No entanto, muitas formas de prática religiosa hoje – o alcance global do pentecostalismo vem à mente – podem ser consideradas tanto residuais quanto emergentes. O mesmo pode ser dito dos movimentos sociais e culturais indígenas que voltam “para trás” a fim de se mover “para frente”.⁹⁴

De Chiapas a Standing Rock, o indigenismo contemporâneo não é, de fato, tão facilmente mapeado na sequência de Williams. Ele tem uma presença significativa na arte contemporânea, desde o trabalho do Karabing Film Collective até a apresentação de máscaras do artista Kwakwaka’wakw Beau Dick na Documenta 14 – e, de fato, na Documenta 15 de ruangrupa, que acolheu *Embassy*, do artista aborígine Richard Bell, assim como *The Lonely Trees* (2017), da Rojava Film Commune, uma montagem hipnotizante de idosos cantando canções tradicionais curdas. Nas palavras de T. J. Demos, a cronopolítica emancipatória é simultaneamente retrospectiva e proléptica.⁹⁵ Isso significa que a divergência já não pode ser imediatamente mapeada em um eixo histórico em que uma cascata de negações determinadas torna o dominante residual e o emergente, dominante. Como um conjunto de práticas cronopolíticas, o ativismo e a arte indigenistas exigem um repensar de futuridade.

Voltando brevemente a Chto Delat: seu trabalho inicial – aproximadamente os 10 anos desde a funda-

94 Clifford, *Returns*, p. 28.

95 T. J. Demos, *Radical Futurisms: Ecologies of Collapse, Chronopolitics, and Justice-to-Come* (Sternberg Press, 2023), p. 14.

ção do coletivo em 2003 – foi marcado por um compromisso sério com o marxismo, com o construtivismo soviético inicial e com Brecht, com base em uma concepção autonomista de ativismo cultural.⁹⁶ Um interesse inicial em “zonas autônomas” alimentou mais tarde um envolvimento com o zapatismo e o EZLN. Eles escrevem: “É claro que a experiência do zapatismo levanta uma questão séria sobre a possibilidade de organização e autonomia políticas, uma experiência que também foi atualizada em muitos aspectos pela luta armada dos curdos”.⁹⁷ As traduções de escritos zapatistas e o trabalho coletivo em Chiapas levaram a projetos pedagógicos, publicações, exposições e filmagens coletivas subsequentes; a injunção de Godard a “fazer filmes politicamente” tornou-se “fazer filmes zapatisticamente”. Aqui, a prática radical é indigenizada por meio de movimentos – em Chiapas e Rojava – que são, eles próprios, arranjos complexos e sincréticos de sobrevivência indígena e de elementos da teoria e de táticas políticas modernas.

Elementos terceiro-mundistas e indigenistas já eram fortes na esquerda pós-1968 na Europa, em que grupos batizavam a si mesmos com o nome dos Tupamaros, usando nomes como “*Indiani Metropolitanani*” (na Itália) ou “*Stadtindianer*” (Alemanha), ou adotando as táticas de guerrilhas urbanas. Entretanto, o movimento Tricontinental organizado pela OSPAAAL em Cuba pressionou pela descolonização tanto em termos de libertação (armada) de territórios quanto de sobera-

96 A segunda edição da revista *Chto Delat* foi intitulada “Zonas de Autonomia” (2003).

97 Dmitry Vilensky (Chto Delat), “Unlearning in Order to Learn”, *When the Roots Start Moving, First Movement: To Navigate Backward / Resonating with Zapatismo*, organização de Alessandra Pomarico e Nikolay Oleynikov (Archive Books, 2001), p. 65.

nia cultural. Mesmo enquanto grande parte do mundo da arte está cativa de um discurso sobre a descolonização que gira em torno da representatividade, da epistemologia da identidade e da cosmologia, as contestações antissistêmicas de Chiapas e Rojava ressoam nas margens generalizadas. Em 2021, uma delegação zapatista visitou a Europa, onde seus membros foram acolhidos em espaços artísticos e por diversas comunidades ativistas com uma particular presença e ressonância nas “bases territoriais do contrapoder” existentes em várias cidades e na zona rural.⁹⁸ Os muros do reduto autonomista de Friedrichshain, em Berlim, ostentavam panfletos pedindo a defesa das ocupações em dificuldade, assim como cartazes de boas-vindas à delegação zapatista. Embora seja questionável até que ponto as redes de ocupações autonomistas interligadas, comunas e *zones à défendre* no Norte Global representam alternativas sistêmicas (ou antissistêmicas), os contatos e alianças com contestações indígenas e outras contestações anti-imperialistas no Sul Global precisam ser vistos claramente como parte da equação. Mas a situação de Chiapas – ou de Rojava – não será, no fim das contas, a de uma ilha em um mar capitalista? Esse problema não é novo, nem o são os desafios de criar redes e federar iniciativas para criar um arquipélago anticapitalista, um projeto que exigiria uma organização intercomunitária.⁹⁹

98 Ver a entrevista com Ramor Ryan, “Zapatismo, Solidarity and Self-Governance: A Conversation”, *ROAR*, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://roarmag.org/essays/ramor-ryan-interview>.

99 Sobre os debates históricos entre anarquistas após a Comuna de Paris e sobre a criação de federações de cooperativas de modo a evitar que se tornassem ilhas isoladas, ver: Kristin Ross, *Communal Luxury: The Political Imaginary of the Paris Commune* (Verso, 2015), p. 117-142. Léon Lambert argumenta que a Comuna já instalou uma forma de “soberania arquipelágica” ligando ilhas autônomas e estendendo-se potencialmente para além de Paris para incluir “ilhas

O ressurgimento indígena é um caso notável de cismogênese complementar e assimétrica, em que ativistas e artistas indígenas obtêm força da definição de seus valores em oposição ao extrativismo capitalista. O indigenismo contemporâneo postula que outro mundo é de fato possível e que o futuro é indígena – concordando com o sentido dado por Graeber e Wengrow às possibilidades multiformes e à plasticidade do social. Se hoje muitos no Ocidente têm a sensação de que o mundo está chegando ao fim, é em grande parte o seu mundo que está acabando; outros mundos foram invadidos e despedaçados há muito tempo, mas os povos em questão se recusaram a desaparecer – ou, como aconteceu com as populações crioulas do Caribe, tornaram-se um *povo sem precedentes*, abrangendo vários passados aborígenes, o longo presente do (neo) colonialismo e futuros incertos. Enquanto isso, a máquina extrativista continua acelerando – mesmo em meio aos sintomas do colapso planetário. A questão de um milhão de dólares – para usar uma metáfora inadequada – é até que ponto as formas contemporâneas de cismogênese assimétrica podem manter ou produzir formas de vida em oposição ao capitalismo financeirizado e racializado. Em uma compreensão clássica da cismogênese, esse elemento de oposição e relacional é primário; o processo cismogenético prossegue através da negação e da diferenciação. Contudo, com Stengers, também podemos postular uma *divergência constitutiva* como primária; o aspecto relacional e de oposição seria uma consequência secundária, pois nenhuma posição no mundo globalizado de hoje pode deixar de entrar em relação.

rurais”. Ver: Léopold Lambert, “The Paris Commune and the World: Introduction”, *The Funambulist*, n. 34 (mar.-abr. 2021), p. 13.

Mesmo que optemos por ficar ao lado das deserções e das divergências da história, das tentativas de criar negações não dialéticas e diferenças positivas, sempre há uma relação. A dialética histórica não é revogada, mas é perturbada pelo inesperado e pelo potencial – gerando uma dialética de segunda ordem do dialetizável e do não dialetizável. Roteiros familiares devem ser repensados. Quer se trate de escravos históricos ou de seus descendentes contemporâneos, ou de ativistas indígenas e de produtores culturais, ou de subjetividades divergentes que abrem “novas percepções e práticas do mundo material”, todas essas posições e práticas afirmam que outra história deve ser possível a fim de que outro mundo possa existir.

Sven Lütticken



Sven Lütticken. Historiador da Arte e professor da Academia de Artes Criativas e Cênicas/PhDArts da Universidade de Leiden, Países Baixos. Coordena o curso de mestrado em Estudos Críticos em Arte e Cultura na Vrije Universiteit Amsterdã, Holanda. Seus livros mais recentes são: *Objections: Forms of Abstraction* (Sternberg Press, 2022, v. 1), *Art and Autonomy* (Afterall, 2022), *Cultural Revolution: Aesthetic Practice after Autonomy* (Berlim: Sternberg Press, 2017) e *History in Motion: Time in the Age of the Moving Image* (Berlim: Sternberg Press, 2013). <https://svenlutticken.org/>



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Depois deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto

 UNISINOS